



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 28-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5339 O.  
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Regimes de liberdade

Comemorando o aniversário da morte de D. Carlos e D. Luís Filipe, realizaram-se no dia 1 do corrente missas do sufrágio em algumas igrejas de Lisboa.

Nada do mais natural, como se vê. Gente de crenças monárquicas e católicas que vai rezar por alma dos que foram e que personificavam de certa maneira o objecto de suas crenças. Em que prejudicava a realização destes actos a estabilidade do regime? Em nada.

Não o entenderam assim alguns «grupos de defesa da República» e vai daí toca do preparar contramaneiras, de assoldar purrias que pusessem bem à prova que a República não é tal o regime de liberdade que alguns teimam que deve ser.

Na verdade, estes defensores da República teem comprometido gravemente a causa que supõem defender. Nunca os monárquicos, os sindicalistas e anarquistas poderão fazer-lhe o mal que estes tais defensores lhe tem causado. Quem há aí de espírito recto e verdadeiro culto pela liberdade e pela democracia que se sintam bem em companhia dos famigerados grupos de «defesa da República»?

O caso é que a polícia e a guarda republicana, por indicação do governo republicano, guardaram as portas dos templos onde se realizaram as cerimónias religiosas, mas não o fizeram dum modo tão completo e seguro que evitassem troca de bengaladas à porta da igreja do Sacramento.

Há criaturas que não conhecem nem cultivam outro sentimento que não seja o ódio. Devem ser desta tempera os dos «grupos de defesa da República».

E' sempre nesta obra de ódio que os vemos empenhados e não em actos de altruísmo e generosidade. Em qualquer outro povo onde a crise de carácter não fosse tão alarmante, criaturas daquela espécie e categoria teriam já recebido o merecido prémio das suas façanhas e estariam por isso impedidas de realizar novas proezas. Cá não sucede assim. Os governos ouvem-nos e submetem-se às suas ordens. Eles mandam e dizem que tal e tal problema nacional deve ser resolvido desta e daquela maneira. E' claro que o seu critério de resolução é sempre determinado pelo ódio, um ódio que não cansa nem se sacia.

## A greve dos trabalhadores dos jornais

### NADA DE NOVO

O movimento dos trabalhadores dos jornais decorre regularmente, não havendo a registar qualquer acontecimento de importância.

As empresas jornalísticas mantêm-se nos seus antigos propósitos de não atender as reclamações, dos seus assalariados, afigurando-se-lhes muito inteligente a atitude que tem revelado desde início, isto é, que são de tal natureza as referidas reclamações que nem merecem ser discutidas. Por sua vez, os grevistas, em cujos arraiais subsiste a disposição de prosseguir a batalha por todo o tempo que seja mister, resistem animosamente aos intuitos de subversão das empresas e, como encaram a hipótese de essa resistência ser demorada, organizam a sua defesa, lançando mão, para esse efeito, de todos os recursos necessários, mas recursos limpos, preocupação esta que não domina a parte oposta, porquanto continua a trazer a lume as mais miseráveis calúnias, armas prediletas dos meneurs dos industriais do jornalismo, que nem por muito baixo descerem no ataque aos trabalhadores dos jornais, logram impôr-se à consideração do observador imparcial.

Já vimos que a preocupação máxima dos industriais do jornalismo é dividir os grevistas, uma vez que compreendem que de outro modo não lhes será fácil vencer. O pior é que já antes da eclosão do movimento os trabalhadores dos jornais tinham previsto isso, e como não são positivamente parvos, tomaram as medidas necessárias para frustrar esse plano.

E, assim, sei-lhes há muito difícil verem coroados de êxito os seus propósitos.

Regime de liberdade isto? Que ignóbil mental! Um regime que transige com este banditismo não tem nenhum direito a falar de liberdade, porque não tem sequer o direito de existir.

E o regime existente tolera o predomínio desta gente. E a prova de que tolera é que tendo-se realizado aquele atentado à liberdade em pleno centro da cidade, aqui no Chiado, nas bocanhas da polícia, não se realizou uma prisão depois da scena de bengaladas e de terem brilhado ao sol alguns canos de pistolas. Vão bem os republicanos e o seu regime de liberdade, cuja defeza está confiada a tam boa gente...

Não se poderia do propósito inventar um mais seguro meio de aviltar e rebaixar um regime. E' por isto e por outras cousas mais que ninguém entre nós leva a sério a República. Quanto a competência nos problemas a resolver, quanto a moralidade nos processos de administração, quanto a tolerância pelas opiniões alheias, nunca se viu tamanha escassez e exiguidade como de 1910 a esta parte.

Dizemo-lo sem má vontade nem regosijo, pois desejariamos com verdadeira poder afirmar o contrário.

Regime de liberdade isto? Pobres monárquicos! O que lhes sucederia hoje se fossem para o comício público afirmar um décimo das verdades que todos nós conhecemos.

Mas é bem verdade que uns e outros se equivalem. Ah! sim, não tenhamos dúvidas. Se os monárquicos voltassem a mandar, aí de nós todos os que monárquicos não somos. A experiência sidonista ainda está bem viva para que possamos ter ilusões a tal respeito.

E se ilusões existissem pelo que se passou entre nós, bastava olhar para Espanha, onde os sindicalistas e os libertários são varados a tiro, em plena rua, com a maior frieza e sem-cerimónia. Para o operariado organizado que deseja a sua emancipação política e económica, não há distinções entre políticos ao serviço da mesma organização capitalista. E não fará certamente a asneira de preferir entre uns e outros, devendo antes considerá-los a todos iguais.

E aí dele se por forma diversa proceder.

## Os trabalhadores marítimos do Porto declaram a greve geral

Em virtude de não terem sido atendidas as suas reclamações de aumento de salário, há três meses que se encontram em greve os Descarregadores de Terra e Mar do Porto. Há tempos haviam resolvido estes camaradas retomar o trabalho nas condições, porém, de deixarem de fazer serviço as mulheres que os substituíam, no que não foram atendidos, continuando, portanto, o movimento grevista.

Os trabalhadores fluviais do rio Douro, como solidariedade para com os seus camaradas, resolveram fazer a boicotagem às casas onde trabalhavam as mulheres que os foram substituir, isto é, não fazer serviço para essas casas.

Como em todos os conflitos que surgem entre o capital e o trabalho, as autoridades em vez de se colocarem em campo neutro, põem-se sempre ao lado dos exploradores do povo, o governador civil do Porto mandou no sábado encerrar a sede da Associação dos Trabalhadores Fluviais do Porto e Gaia e, como isso fôsse pouco, ordenou no domingo a prisão de dois membros daquela associação.

Em vista da arbitrariedade cometida, foi declarada a greve geral de todos os trabalhadores fluviais e marítimos do rio Douro e porto de Leixões.

Ontem chegou a Lisboa uma comissão dos grevistas que, juntamente com delegados da Federação Marítima, entrevistou o sr. Liberato Pinto sobre o assunto, comprometendo-se este senhor a mandar reabrir a Associação e pôr em liberdade os detidos.

As classes que se encontram em greve são as seguintes: Trabalhadores Fluviais do Porto e Gaia, Barqueiros e Fragateiros do rio Douro, Descarregadores de Terra e Mar do Porto, Trabalhadores Marítimos de Matosinhos e Leça da Palmeira, Maquinistas Fluviais do rio Douro, Construtores Navais do Porto e Gaia, e Marítimos da Foz do Douro. Estas classes não retomaram o trabalho sem que sejam atendidas as suas reclamações.

Para tratar deste assunto, que diz respeito a sindicatos seus aderentes, reúne hoje, pelas 12 horas, a Federação Marítima.

## QUE PERSPICÁCIA!

### Querendo ver muito vêem tam pouco!

Dedicámos ontem o nosso editorial à apreciação calma duma questão importante e de interesse geral. Tratava-se da questão do papel. Sem pensamentos reservados, nem segundas intenções, porque não estão tais processos na índole de A Batalha, examinamos a questão. Vimos que numa situação difícil se encontra a imprensa, toda ela, devido à carestia injustificável do papel. Observámos igualmente que longe de se resolver a situação, ela nos faz antever um futuro apavorante.

Não é a primeira vez que dedicámos uma boa parte do nosso tempo ao exame desta questão e decerto não deixaremos de falar dela enquanto para tal haja motivo.

A carestia do papel traz inconvenientes terríveis: a dificuldade de vida aos jornais honestos, a baixa na produção de obras literárias e científicas, e, portanto, um retrocesso, um grande atraso na civilização dos povos.

Isto que expuzemos ontem é acessível a toda a gente, porque é claro como a água. Só a má-fé do Jornal, órgão de empresas jornalísticas, dispostas a pagar o papel por todo o preço, podia sustentar doutrina contrária à do nosso editorial.

A ansia de encontrar assunto que se preste a especulações indefensáveis levou os do Jornal a querer tirar do nosso escrito ilações de intuitos repugnantes. Não sentiram que o assunto lhes interessa directamente.

E não sentiram talvez pela simples razão da injustificável alta do papel ser provocada por individualidades cujos interesses defendem; não sentiram, porque na sua maioria, os jornais de Lisboa não pagam esse papel como o produto da venda honesta dos seus exemplares, mas com dinheiros fabulosos, ganhos às ocultas, e que são a paga de serviços que só quem não tem uma pequena noção de honradez, dessempeha.

Assim, não lhes custando o dinheiro a ganhar, pouco se importam que o papel suba, visto que os negócios escuros dão sempre para o pagar. Só o que as empresas acham caro é o trabalho dos proletários que exploram.

E' bom que se ponham aqui em destaque as atitudes tomadas pelas empresas em face da alta injustificada do papel e do lógico encarecimento da mão de obra.

Aumentou o papel, desde o início da guerra até hoje, sem que haja motivo forte que justifique tal aumento, na bela percentagem de 2.500 %! E as empresas pagaram-no sem protestar, sem acómar de bolchevistas os industriais que lho fornecem.

Impelidos pela carestia dos géneros, hoje—segundo O Século o disse há tempo, e O Seculo deve ser considerado insuspeito—mais caros 10 vezes, isto é, 1000 % sobre o seu preço de antes guerra, os operários gráficos apenas conseguiram fazer subir o seu salário cerca de 500 %.

As empresas jornalísticas que para com os seus fornecedores de papel teem sido todas correcção, gentileza, mãos rotas, perante as patentes dificuldades económicas dos que para elas trabalham não teem um gesto de justiça. Fazem look-outs, insultam, chamam a atenção das autoridades para supostas intenções de desordem, tentam por todas as formas inutilizar os esforços daqueles que só por imperiosa necessidade reclamam mais um pedaço de pão.

O artigo inserto no Jornal (da noite de ontem justifica plenamente as nossas afirmações. Faz-se nele uma suposta análise ao nosso editorial de ontem, e, pondo-o em confronto com uma convocação para uma reunião das comissões de redacção e administração da Batalha—que argúia!—quize-se deduzir que a reunião seria para tratar do assunto a que o nosso artigo de fundo se refere. E, indo de suposição em suposição, voltou afalar no recibo, que A Batalha deviat, em sua opinião, da concorrência da Imprensa de Lisboa.

O intuito do Jornal é o de fazer acreditar ao seu público que A Batalha encara as questões pelo mesmo lado mesquinho que as empresas. Já aqui fizemos saber às empresas que nós, homens de brio, encaramos as questões pelo seu lado moral. E' por esse motivo que temos recusado comunicados pagos por bom dinheiro e tantos outros pseudo-artigos que defendem interesses porcos, ao passo que as honradas empresas que O Jornal representa,

## COMO ELES MENTEM!

### Os Juventudes Sindicalistas e o "Jornal"

Embora não sendo este jornal órgão das Juventudes Sindicalistas, cumprenos nesta hora, ante as afirmações ruidosas e espectaculars vindas a lume em certo jornal, desfazer, pulverizar e mostrar a inanidade dessas afirmações.

Bem sabemos que a doutrina desses artigos é *mise-en-scene* vistosa para certo público de vistas curtas e cérebro óco, pronto a digerir o que o malavariante, ou o que a troça inábil de qualquer fundista de três-ó-vintém, talvez de coroa aberta ao alto da cabeça e resistências devotas de sacristia, lhe ministra, por uns tantos escudos mensais pagos na caixa de administração do supracitado jornal.

Mas, apesar de tudo, e por cima de tudo, à nossa consciência e ao nosso raciocínio iluminado de justiça—justiça essa que decerto nos crucificará no ódio vago do articulista—se impõe clarificar essas reticências manhosamente expostas e descobrir a face empanada de Verdade. Entre outras coisas, pretende-se afirmar que a morte de Pedro de Matos é da responsabilidade das Juventudes Sindicalistas. Mentem! Assim mesmo: mentem!

Até hoje em nenhum tribunal, em nenhuma instância da Boa-Hora, existe a prova iniludível de que essa morte foi perpetrada por um agremiado dessas Juventudes.

Como quer, pois, o rabiscador confuso dessas lendas provar que Pedro de Matos foi assassinado por um sindicalista—se ainda até hoje não se sabe quem foi o seu autor? De duas uma: ou esse senhor fundista sabe quem foi e, portanto, deve apontá-lo; ou não sabe e, por conseguinte, resta-lhe, se quer ser honesto, se quer ser digno, desmentir o que afirmou. Por suposições não se pode condenar ninguém! Os Jesuitas tinham a polé, a roda e só condenavam depois de previamente, cautelosamente a vítima ter declarado ou escrito o que a mais das vezes não cometera.

Mas há ainda a dizer: dando de barato, muito de barato, que fosse um sindicalista o autor desse assassinato, quem é que pode responsabilizar as Juventudes, cujos componentes, talvez sejam quatro mil, por um acto isolado, de responsabilidade industrial, dum dos seus associados?

Se amanhã um comerciante fosse pacientemente um vulgar gatuno poderia acómar a *dignissima* classe de quadrilha? Não! Isto mesmo é já doutrina

## DO MUNDO NOVO... A RÚSSIA POR DENTRO

(DA «ROSTA-WIEN»)

### Relações científicas com o estrangeiro

MOSCÓVIA, 17.—O conselho superior de economia pública criou um bureau científico e técnico afim de entrar em relações com os sábios do ocidente, de estudar as novas invenções e os últimos aperfeiçoamentos técnicos e de informar os sábios do ocidente dos trabalhos científicos da Rússia.

### A guarda-branca na China

MOSCÓVIA, 17.—Sabe-se que os restos dos bandos de Semenov se refugiaram na China onde aterrorizam e pilham as populações pacíficas. Os habitantes chineses de Zarisi realizaram *meetings* de protesto, onde resolveram pedir ao governo a expulsão imediata dos homens que compõem a guarda-branca.

### A liberdade religiosa na Rússia

MOSCÓVIA, 17.—O jornal contra-revolucionário *Loios Rossii* escreve: «Segundo o *Investia*, o governo soviético decidiu que as pessoas às quais a sua convicção religiosa proíba de fazer o serviço militar, serão empregadas nos hospitais e serviço sanitário da guarda-vermelha.

### A Polónia prepara uma ofensiva contra a Rússia?

VARSÓVIA, 18.—Assinala-se a chegada a Dantzig de comboios carregados de material de guerra destinado à Polónia. O exército polaco está sendo organizado sob a direcção de oficiais franceses. O número de baterias nos regimentos de artilharia foi aumentado na proporção de 50 %. A intendência polaca encomendou em Inglaterra uma grande quantidade de botas e sapatos. Conclui-se daqui que a Polónia se prepara para uma ofensiva contra a Rússia, que será iniciada na próxima primavera.

### A Rússia deseja a paz

MOSCÓVIA, 17.—Os jornais publicam um comunicado do Bureau da Imprensa do Commissariado de negócios estrangeiros que desmente categoricamente as notícias lançadas pelas agências contra-revolucionárias pretendendo que a Rússia soviética se preparava para uma guerra contra os seus vizinhos. O comunicado lembra que o governo soviético já fez saber aos governos da Estónia, Letónia e Roménia que a Rússia não alimenta nenhum plano agressivo contra estes países. A delegação russa de paz, em Riga, assegurou a delegação polaca que a Rússia, desejosa de paz, não pensa de forma alguma em renovar a guerra contra a Polónia.

A Rússia observa a mesma atitude pacífica perante a Geórgia, ainda que este país multiplique os actos de provocação. A Rússia soviética está animada do desejo de ver nas suas fronteiras restabelecer-se a paz definitiva a fim de poder dedicar todas as suas forças à obra de reconstrução interior. O proletariado russo pede aos operários de todas as nações que lutem contra esta campanha de mentiras e de calúnias que representam a Rússia como inimiga da paz, porque esta campanha provocadora pode ter consequências desastrosas para o proletariado mundial.

### Atentados e revoltas...

GA, 17.—A notícia dum atentado contra Lênine foi inventada com todos os porquês. Desmentem-se também, de fonte segura, as notícias de ter estalado uma revolta em Vitebk e nos arredores de Kief. Estas notícias reproduzem-se todos os dias, sem nenhuma variante, na imprensa capitalista. Vê-se bem que os inventores de novidades falsas nem teem uma imaginação muito fértil.

lhes pegam com ambas as mãos, sem medo de se sujar...

E como o lado moral das questões nos preocupa, regosijamo-nos até que A Imprensa de Lisboa tenha uma tiragem grande, embora essa tiragem faça diminuir a nossa, o que todavia quasi não tem notado. E' que nós não fazemos industrialismo.

Nós sabemos que O Jornal das empresas que se mordem de raiva quando os outros jornais, mesmo burgueses, conseguem mais vantagens materiais, desejaria ver A Batalha retirar todo o seu franco apoio a um movimento reivindicador e justo, só pelo

facto do jornal que defende os reclamantes ser mais lido do que o nosso.

Mas que perca essa esperança O Jornal. O que nós temos de saber primeiramente é se os grevistas teem razão ou não. Tendo—e não há duvida que a teem—não há artigos do Jornal, por muito habeis que sejam, que nos obriguem a deixar de ver essa razão.

### Pró-«Batalha»

Na administração deste jornal foi entregue pela comissão promotora da festa realizada em Novembro para a Cooperativa dos Fotógrafos, a quantia de 27\$13, produto da percentagem que era destinada a Batalha.

## DAEBTE DE OPINIÕES

### A Revolução sem ditadura

#### A ilusão da gente nova

«As condições indicadas são necessárias. Não há revolução triunfante em que elas não se produzam.

E' sempre uma minoria de bem dotados para a acção que conduz a revolução popular, favorecida pelo que se chama a atmosfera revolucionária. Se, uma vez a revolta triunfante, essa minoria ou outra que lhe suceda, não sabe o que há de fazer imediatamente, para assegurar a vida da população, o mais possível de harmonia com a concepção doutrinária em nome da qual a revolução se fez, se essa minoria não aparecer a tempo, a revolução há de falhar, porque quasi toda a gente o que quer sempre, acima de tudo, é viver, apoiando, em regra, os que lhes asseguram as principais condições de existência a que estava habituada. E' a isso que a população chama «manter a ordem».

São os revolucionários capazes de a manter? Tanto melhor; adere-se a nova ordem de coisas. Mas se a existência real se não se assegura, a acção teem a força e trata ela de assegurar a ordem, dando facilmente satisfação à população, porque não tem mais do que continuar o que de há muito vinha fazendo: deixar que a engrenagem continue a funcionar com a força adquirida em muitos anos de exercício, sem as dificuldades da inexperiência, da tentativa, da inovação.

Eis porque é preciso—1.ª condição—que os revolucionários saibam muito bem o que hão-de fazer em seguida ao triunfo da revolta.

Mas isso não basta senão para os primeiros tempos. O que a reacção não pôde então fazer, ha-de tentá-lo mais tarde e conseguir-lo, se o povo não estiver capaz de compreender e entrever, por uma boa e larga propaganda anterior, o que para ele ha-de vantajoso na revolução, antes mesmo de começar a gozar-lhe os benefícios.

O choque produzido pela nova ordem de coisas; os incomodos que quasi sempre a acompanham; a noividade aparente ou real, de certas medidas; o espirito rotineiro, misoneista da população dos campos e dos pequenos centros; o exagêro demolidor de muitos revolucionários; as dependências, as forças ativas de obediência ao patrão, ao amo; a gratidão por favores recebidos; as crenças, o espirito de ganância, etc., tudo isso é aproveitado para se prometer, subornar, agitar e revolar as massas populares contra a revolução, tornando-lhe a vida impossível.

Eis porque é preciso—2.ª condição—que uma boa parte da população esteja capaz de aprender, nas linhas gerais, a obra revolucionária.

Mas, ainda isto, que é já muito, não basta para realizar o ideal social que se pretende atingir, se a revolução não se apoiar em interesses e direitos a defender, representados por uma certa riqueza adquirida pelo proletariado, em condições diferentes das do antigo regime e que sejam como que a base, o arcaboço perfectivo da sociedade nova.

Se assim não fôr, a revolução ha-de falhar, mais cedo ou mais tarde, quer por actos contra-revolucionários, pela violência, quer por uma depressão gradual, lenta, produzida pela acção inextinguível das forças económicas dominantes, as quais forçam sempre as instituições políticas a enquadrar-se na forma que melhor lhes convém.

### NOVA TENTATIVA

### Uma Internacional Sindicalista

### Com o intuito de a organizar é lançado um apelo aos sindicalistas e anarquistas do mundo

Caros camaradas:

Acabamos de publicar no órgão do nosso movimento na Alemanha, *Der Syndikalist*, um apelo a todos os sindicalistas revolucionários para se reunirem num Congresso Sindicalista Internacional!

A necessidade duma aliança íntima entre todos os camaradas afim de se decidir a linha de conduta e o restabelecimento dos diversos planos de acção económica internacional, é inteiramente reconhecida pelos sindicalistas de todos os países.

O desenvolvimento e a orientação da questão económica e política na Rússia e os rígidos estatutos expressos pela Terceira Internacional teem-nos feito ver que o verdadeiro Socialismo não poderá ser realizado pelo partido do poder mas pura e simplesmente pelas largas medidas de carácter económico, nascidas da vontade e do espírito da classe trabalhadora internacional.

A guerra cortou por muito tempo as nossas relações com os outros camaradas, tornando impossível os entendimentos internacionais, mas agora apertemos de novo as mãos. O nosso Congresso terá uma importância imensa! Torna-se dia a dia mais evidente a desintegração do Capitalismo, mas, no entanto, os governos preparam-se para novas guerras. A miséria do povo aumenta assustadoramente, e a população decreta numa terrível perseguição por todos os países da Europa. Homens, mulheres e crianças caem vencidos do diâmetro na estrada da vida, e uma catástrofe internacional aproxima-se.

Entem houve tolerância de ponto apenas alguns ministérios. Hoje, essa concessão terá carácter geral em todas as repartições públicas.

E', portanto, necessário que uma parte da produção económica comece já a ser feita pelo povo em benefício próprio, criando uma soma de bens suficientemente importante, para que a sua defesa mereça sacrifícios por parte dos interessados, a sua perda afecte, pela interdependência dos fenómenos sociais, uma multidão de outros interesses e constitua até, o que não é para desprezar, um direito legitimamente adquirido.

Eis porque é preciso—3.ª condição—que haja o poder económico suficiente para servir de apoio ao prosseguimento da obra revolucionária.

«Mas se a revolução não fôr possível para já, se não estamos preparados, que devemos fazer?» perguntar-se-á.

A resposta é só uma: torna-la possível para mais tarde preparar o país para ela, estabelecendo as condições indicadas.

Os impacientes dirão que isso leva muito tempo e que antes de estarmos aptos para a revolução, se hão-de produzir certamente abalos sociais, perantes os quais não podemos ficar de braços cruzados... à espera da preparação. E eu pergunto a esses impacientes em que nos pode prejudicar a preparação, mesmo insignificante, que se tiver realizado até lá.

Os impacientes são quasi sempre os novos, os que ainda julgam que as coisas se fazem de repente. E' para esses, para que lhe liam as palavras e meditem nelas, que transcrevo a seguinte passagem, dum mestre de nós todos, de Eliseu Reclus, cuja vida foi um esforço constante na realização dessa revolução por que os impacientes anelam. Dizia ele:

«Os novos imaginam que as coisas podem mudar rapidamente por bruscas revoluções. Não; as transformações realizam-se lentamente, e é por isso que se torna preciso trabalhar para elas com muita consciência, paciência e dedicação. Na pressa de uma revolução imediata, expõem-nos, por um efeito de reacção, a desesperar quando verificamos a força dos preconceitos abundantes e a acção das ruínas paíxões. Mas o anarquista consciente nunca desespera; ele observa o desenvolvimento das leis da história e as mudanças gerais da sociedade; e se não pode actuar no mundo todo, pode, pelo menos, actuar sobre si próprio, esforçar-se por se livrar de todas as ideias preconceituosas ou impostas e agrupar pouco a pouco, em volta de si, amigos vivendo e procedendo da mesma maneira. E' assim, de amigo para amigo, por pequenas sociedades onde todos se estimam e se compreendem, que se constituirá a grande sociedade fraternal.»

Eliseu Reclus, que assim falava, era mais revolucionário que a imensa maioria dos que esperam todos os dias os movimentos insurreccionais, os preparam e neles tomam parte. E Reclus é o tipo do revolucionário completo, porque assim falando e assim procedendo sempre, não desdenhava, antes pelo contrário, da acção revolucionária propriamente dita, não deixando nunca de aproveitar as ocasiões que se lhe deparavam para a exercer, sempre que via nela utilidade. Sendo um admirável educador, sabendo que as coisas mudam lentamente, era ao mesmo tempo um incansável demolidor, porque também sabia que a demolição é indispensável.

Emílio COSTA.

se. Os acontecimentos exigem uma acção imediata e consciente para a estrutura da nova sociedade socialista.

O protoplasma da futura sociedade comunista livre precisa ser criado simultaneamente em todos os países, conforme os princípios do sindicalismo revolucionário.

Não sómente devemos aspirar a influenciar o espírito das massas, é preciso também imbuir das nossas ideias os espíritos educados, fazer despertar todas as forças intelectuais para conjuntamente trabalharem na realização dos fins em vista—no estabelecimento dos princípios fundamentais, cuja acção conjugada nos permita destruir o Capitalismo e abolir o Estado.

O Congresso sindicalista internacional realizar-se-há no próximo ano de 1921, mas para que dê resultado, será preciso organizar-se, o mais depressa possível, uma conferência preparatória.

As organizações sindicais espanholas da Holanda, Escandinávia, Espanha e Itália já mostram simpatia por este plano, e vários delegados, que voltaram do Congresso de Moscóvia, aconselharam-nos a convidar todos os camaradas para este Congresso internacional.

Por isso pedimo-vos para discutirdes a questão sem demora dentro das vossas próprias organizações, enviando-nos as vossas direcções o mais depressa possível, e comunicando-nos as vossas decisões, de a que possamos formar tomar sem perda de tempo as medidas necessárias.

Die Geschäfts-Kommission. Der Freien Arbeiter-Union. Deutschland (Syndikalist). Berlin O 28, Warshauer Strasse 62.

Tolerância de ponto...



